

## Catástrofe e luto, trauma e arte: imagens da pandemia

GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO\*

**Resumo:** Em perspectiva freudiana, o ensaio pretende discutir a impossibilidade de “concluir” normalmente o luto durante a pandemia do Coronavírus neste ano de 2020, uma vez que os rituais funerários foram bastante limitados em razão das possíveis contaminações deles decorrentes. A discussão fora despertada por imagens de “covas abertas às pressas” divulgadas sobretudo pelas mídias digitais, imagens que neste sentido produziriam efeitos traumáticos a partir desta nossa situação local, certamente catastrófica em termos políticos e subjetivos. Por fim, acreditamos na possibilidade de que a arte e os processos criativos auxiliariam nos modos de lidar com a problemática.

**Palavras-chave:** Trauma; Catástrofe; Luto; Covid-19.

### **Catastrophe and mourning, trauma and art: pandemic images**

**Abstract:** From a Freudian perspective, the essay intends to discuss the impossibility of “normally concluding” the mourning during the Coronavirus pandemic in this year of 2020, since the funerary rituals were quite limited due to the possible contamination resulting from them. The discussion had been sparked by images of “pits hurriedly opened” disseminated mainly by digital media, images that in this sense would produce traumatic effects from our local situation, certainly catastrophic in political and subjective terms. Finally, we believe in the possibility that art and creative processes would assist in the ways of dealing with the problem.

**Key words:** Trauma; Catastrophe; Mourning; Covid-19.



\* GUSTAVO HENRIQUE DIONISIO é Mestre e Doutor pelo IP-USP, é docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da FCL-UNESP Assis. É autor de *O antídoto do mal: crítica de arte e loucura na modernidade brasileira* (Ed. Fiocruz), *Pede-se abrir os olhos. Psicanálise e reflexão estética hoje* (Ed. Annablume/Fapesp), e organizador de *Políticas públicas e clínica crítica* (Cultura Acadêmica UNESP).

Em *live* recente destinada aos membros do GT "Psicanálise, subjetividade e cultura contemporânea", pertencente à ANPEPP, o psicanalista Joel Birman tentou expor uma espécie de cartografia do sofrimento psíquico que estaria assolando boa parte dos consultórios "psi" desde o início da pandemia de SARS-COV-2 neste ano 2020; são, com efeito, indicadores que muito nos interessam na medida em que incitam à construção de estratégias de intervenção (psicanalítica, sobretudo) numa realidade que talvez não represente apenas a situação brasileira. Seriam oito, segundo ele, as principais características a serem destacadas, a propósito motorizadas pela episódica "reativação do desamparo originário" do momento:

- 1) dada a iminência de uma angústia *real*, reações genuínas de *pânico* tomaram conta de boa parte das pessoas, fazendo com que muitos apelassem para uma escuta a fim de lidar com a super intensidade desse afeto;
- 2) certos traços de *hipocondria* se tornaram evidentes em virtude da condição de *invisibilidade* do vírus, estimulando assim uma conduta de hipervigilância quanto aos cuidados em saúde, levando inclusive a uma
- 3) ritualização obsessiva cada vez maior acerca dos comportamentos de limpeza;
- 4) Birman também refere um incremento de *violência conjugal e parental* neste contexto: "quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês", lê-se em reportagem feita pela Revista Isto É, "a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 deu um

salto: cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos" (VIOLÊNCIA..., 2020). É notório também o aumento no número de divórcios durante esse ano (MELO, 2020);

5) parece também haver, neste momento, relatos cada vez mais recorrentes de depressão (e de uma consequente melancolização, em diversos casos), com destaque aos idosos que, por comporem o grupo de risco, viram sua mobilidade tornar-se extremamente limitada, além de pouco receberem visitas de parentes e amigos. É preciso levar em conta o componente do desemprego que também cresceu assustadoramente, e que talvez também influencie nestes números. Como reporta esta reportagem do G1, já são mais de 14 milhões de brasileiros em situação de desemprego neste ano de 2020 (SILVEIRA, 2020);

6) ainda de acordo com Birman, outra decorrência imediata do isolamento fora um aumento na compulsividade para com os meios digitais, tais como o consumo desenfreado de telefones celulares, videogames, televisão e consumo das próprias *lives*;

7) acompanhado disso surge ainda o uso crescente de álcool e outras drogas e, quando não, da compulsão por comida, que se torna igualmente relevante;

8) por fim, uma das queixas mais sensíveis do momento seria a "impossibilidade do luto" que se impôs, uma vez que os rituais funerários estão proibidos ou

protocolarmente limitados em virtude de possível contaminação. Em diálogo como o psicanalista, pretendo justamente apresentar uma reflexão sobre este último aspecto, tendo em vista que ele traz à tona uma questão que pesa fortemente em nossa maior ou menor capacidade de simbolização de uma dada realidade.

E, paralelamente a isso, em um texto que hoje completa já seus 20 anos de idade, o filósofo Jacques Rancière parecia prever a proliferação pulverizada de imagens que, em nossa cultura atual, viria a se tornar uma *commoditie* das mais importantes: se por um lado *A partilha do sensível* (2000/2005) nos lembra em que medida o compartilhamento se refere à co-existência da junção de partes e sua separação intrínseca no interior de um todo, por outro carrega a premissa de que essa partilha de atos estéticos opera justamente a partir de certas configurações de experiência que “ensejam novos modos de sentir e induzem novas formas da subjetividade política” (Rancière, 2000/2005, p. 11), ou seja: as imagens acabam sendo inelutavelmente subjetivantes na exata medida em que condicionam determinadas políticas, tanto quanto determinam certos modos do ver e do viver em nossa sociedade. Neste sentido, acrescentaria Rancière, devemos entender que partilha

(...) significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, um modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum

partilhado e a divisão de partes exclusivas (p. 7).

Ora, no ambiente da pandemia de Coronavírus surgida neste fatídico 2020, o aparecimento recorrente destas imagens de *enterros*, assustadoramente realizados em massa e às pressas, começou a ficar bastante evidente com a situação descontrolada na Itália – primeira grande onda de contaminação vista no Ocidente –, situação onde agentes funerários acabavam sendo vistos como “amigos” ou substitutos da família no momento do último adeus. Lá, uma vez diagnosticadas com o vírus, as pessoas passaram a ser enterradas com as roupas que os familiares, impossibilitados de vê-las presencialmente e, portanto, sem opção, apenas *remetiam* aos cuidados daqueles – o que se transformaria na última lembrança na mente dos vivos.

Em reportagem feita pela BBC logo no início da contaminação italiana podemos encontrar depoimentos marcantes: “Enviamos aos entes queridos uma foto do caixão que será usado, depois pegamos o cadáver no hospital e o enterramos ou cremamos. Eles não têm escolha a não ser confiar em nós”. Cerato, um agente funerário que exerce a profissão há 30 anos, foi capaz de perceber, no calor da hora, o quanto esses pequenos gestos acabam sendo importantes para os enlutados; ele diz: “Acariciar sua bochecha pela última vez, segurar sua mão e vê-lo parecer digno. Não ser capaz de fazer isso é muito traumático”. Os familiares ainda tentavam enviar bilhetes ou outros objetos de valor sentimental, tais como desenhos e poemas, na esperança de que fossem lacrados junto aos entes queridos, embora nada pudesse ser colocado junto aos caixões: “Uma ou duas pessoas podem estar lá durante o enterro, mas isso é tudo”. Cerato conclui

com uma imagem avassaladora:  
“Ninguém se sente capaz de dizer

algumas palavras; resta apenas o  
silêncio” (BETTIZA, 2020).

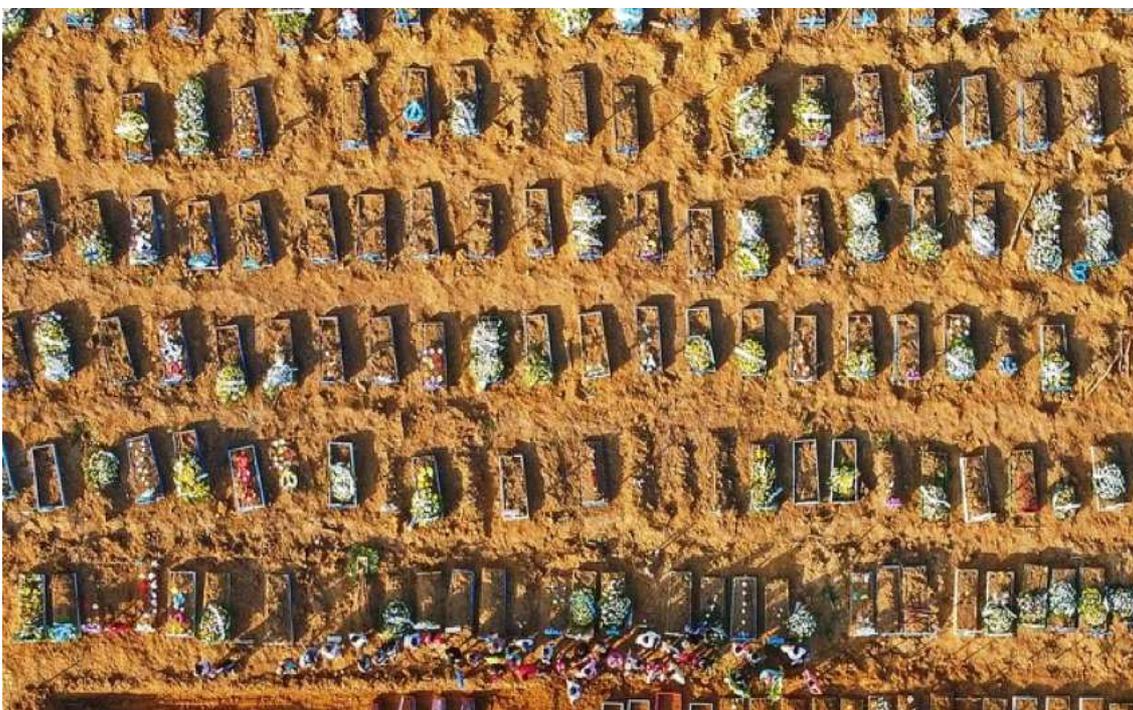


Figura 1: Imagem aérea de cemitério em Manaus. Fonte: *O Globo*



Figura 2: imagem aérea do cemitério de Vila Formosa-SP. Fonte: *Revista Veja*

Nesta perspectiva, outra cena digna de destaque refere-se a um Memorial que a ONG Rio da Paz promoveu na praia de Copacabana e que fora vandalizado por um apoiador do atual presidente do país. Sequer é preciso ter grande empatia para perceber o quanto esse tipo de violência representa uma das maiores crueldades humanas: a impossibilidade, ou em casos mais infames, a *proibição* de enterrar os mortos com sua justa dignidade. Quanto a isso, trata-se de um dado antropológico essencial, etológico até: somos, há mais de 130 mil anos, a única espécie que

enterra seus mortos de forma ritualizada; contudo, muito embora já estejamos bastante acostumados a respeitar essa tradição, não me parece absurdo dizer que a visada político-ideológica que o fenômeno do enterro em massa ganhou, neste momento e *particularmente* no nosso país, seja talvez sem precedentes (BOLSONARISTAS..., 2020). A meu ver, o nível de alienação política que leva um indivíduo a chutar um objeto que simboliza a perda de brasileiros decorrente da negligência do estado não serve nem para efeitos casuísticos.



Figura 3: Memorial aos mortos pela Covid-19, Ong Rio de Paz



Figura 4: Memorial aos mortos pela Covid-19, Ong Rio de Paz



Figura 5: homem vandalizando Memorial realizado pela Ong Rio da Paz

### Sobre o luto<sup>1</sup> e suas impossibilidades

Como indica Freud (1917/2011), não se deve negligenciar o fato de que o luto é um mistério em si mesmo, haja vista que ele permite verificar uma incapacidade específica com a qual padecemos a cada perda: ainda que no luto a libido se veja “obrigada” a se libertar do objeto (uma vez perdido), isso não quer dizer que o sujeito se sentirá necessariamente livre para fazer essa obturação, seja com maior ou menor habilidade, apoiando-se num outro objeto que lhe possa ser substituto. Nesse sentido, o mistério é, justamente, o porquê de um sujeito não conseguir realizar a substituição requerida.

Freud concebe o luto neste seu texto seminal da seguinte forma:

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas sua incumbência não pode ser imediatamente atendida. Ela será cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto de investimento é psiquicamente

prolongada. Uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido. Por que essa operação de compromisso que consiste em executar uma por uma a ordem da realidade é tão extraordinariamente dolorosa, é algo que não fica facilmente indicado em uma fundamentação econômica. E o notável é que esse doloroso desprazer nos parece natural. Mas de fato, uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido (1917/2011, p. 49-51).

A lógica freudiana do luto pode parecer um tanto óbvia à primeira vista, mas, efetivamente, como isto se dá? A resposta dada pelo psicanalista chega a ser surpreendente: “o luto leva o eu a renunciar ao objeto, *declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio permanecer vivo*” (p. 38). Assim, *a possibilidade de viver já seria uma espécie de benefício secundário*. A situação de pandemia pelo mundo, e em especial a nossa, parece não obstante produzir um abalo egoico colossal quando se trata de lidar com o luto, ou seja: se no luto “normal” espera-se haver uma elaboração da perda do objeto, a atual banalização estatística junto de uma subsequente normalização de mortes parecem obrigar o eu a produzir uma forte dissociação, erigida assim como defesa para que o sujeito não desmorone de vez. O noticiário, que não cansa de acumular o número de mortes e contaminações, talvez já não assuste seu espectador cada vez mais indiferente.

Não seria uma situação fortemente análoga ao desaparecimento de corpos

---

<sup>1</sup> Este certamente não é o *único* luto em jogo neste momento de isolamento: existem vários outros igualmente importantes, mas que não

poderiam ser discutidos aqui por conta do recorte que desejei empregar em minha reflexão.

tal como vivido em nossa ditadura militar? Paulo Endo (2016), psicanalista que conduziu uma extensa pesquisa sobre o assunto, afirma a esse respeito:

(...) alienar-se da possibilidade da morte, como fazemos em nossa vida cotidiana, torna-se muito difícil e raro após experiências traumáticas duradouras que exigem atenção diuturna. Esses traços permanentes de percepção de uma situação de perigo, e o medo que os acompanha, podem ser compreendidos a partir da experiência do tempo que escoar rapidamente diante da tarefa e da urgência de preservar a vida. A vida em risco e o tempo que resta, vivido como insuficiente para manter-se vivo, podem perdurar como uma luta pessoal contra a passagem do tempo (p. 9).

Desse modo, o que “funda o traumático, não raro, é a urgência da tarefa de manter-se vivo diante de forças que impõem (e desejam) o aniquilamento do sujeito”. A meu ver, sua análise se aplicaria como uma luva à situação em que nos vemos assujeitados agora: “A perenidade da tristeza que se exige social e psiquicamente”, acrescenta o autor, “faz par com a negligência política de Estados incapazes de ultrapassar a herança dos mecanismos de terror e morte, e o desprezo pelo futuro dos que perderam e perderão seus entes de modo violento e arbitrário e tem de conviver com isso como uma condenação perpétua” (ENDO, 2016, p. 9-14).

Cruzando todos os dados, penso que fomos condenados a uma *dupla violação* da experiência do luto: por um lado, tem-se a violência própria da pandemia que encerra nossos corpos, e, junto a ela, a morte que espreita à distância de um espirro; por outro, a impossibilidade de as famílias velarem seus mortos revela a profanação de um traço simbólico muito caro à nossa cultura, como vimos: assim como no desaparecimento de corpos feito pela ditadura, a impossibilidade de enterrar dignamente aqueles que se foram deixa hoje os brasileiros em situação análoga a essa herança maldita do período militar, tática que condena os vivos a um luto impossível e à decorrente subjugação melancólica que, neste caso, é forçada pelo vírus e imposta oficialmente pelo poder central com sua altíssima cota de negligência e de denegação *intencional* da realidade do vírus.

Dadas as condições, estaríamos igualmente condenados a funcionar como sismógrafos ambulantes, de modo a lidar não com um “estresse pós-traumático”, por assim dizer, mas com uma espécie de ameaça *pré-traumática*: “chegamos ao pico?”; “houve achatamento?”; “quando poderemos finalmente sair de casa?”; “será que nesta ida ao supermercado acabei contraindo o vírus?”, e, *at last but not least*, “produziram finalmente uma vacina?” – são as perguntas mais ouvidas do dia a dia. Em outras palavras, e diferentemente de um desastre ou de uma catástrofe<sup>2</sup>, nos quais a situação se

---

<sup>2</sup> Há aqui espaço para uma grande discussão terminológica ou, ainda, conceitual. Alguns defenderiam a uma interpretação do momento pela via da catástrofe e não do trauma, tal como se pode conferir no texto de Verztman e Romão-Dias (2020) publicado neste ano, assim como outros psicanalistas sustentam seu “potencial traumático”, embora rigorosamente *catastrófico*,

tais como Silvia Nogueira em *live* no Instituto Sedes Sapientiae. De minha parte, mantenho a posição em termos de continuar apostando a dimensão traumática da Covid-19, uma vez que, freudianamente falando, isso inclui a condição de *acontecimento* ao problema. Em suma, o

coloca de pronto, o enfrentamento da Covid-19 deixa o trauma circunstanciado à indefinição, em suspenso, isto é, ele “chega e não chega” ao mesmo tempo – gerando assim um impasse de significativa complexidade, uma vez que esse estado iminente ou potencial para que o traumático advenha *já é, por si mesmo, traumático*. Quanto a isso, as imagens de Manaus e do cemitério de Vila Formosa são altamente representativas da conjuntura: covas (rasas?) abertas às pressas à espera dos mortos. Eis, enfim, assim compreendo, o estado de exceção em que vivemos *en souffrance*, como diria Lacan.

Em paralelo, não se observa também, nesta situação de grande incerteza, uma espécie de “neurose de confinamento” a transmitir-se junto com o SARS-COV-2? Mistura de fobia (com a devida contrapartida de ansiedade e de medo diante do contágio) e neurose obsessiva (uma angústia somada à “fritaçoão” acerca do porvir, ou melhor, do que será feito com o “novo normal”, para não deixar de usar esse clichê), é comum escutar que uma tal “nosografia” não deixa de ser atravessada por sintomas mortificantes de depressão cada vez mais comuns no isolamento (tal como também sugeriu Birman em sua *live*, aludida no início deste texto). Nesta perspectiva, a reflexão de Freud (1916/1976) sobre a transitoriedade nunca foi tão atual ao nos mostrar em que medida a escassez do tempo nos é cara.

Como se sabe, nestes anos de 1915-6, em que justamente estoura o conflito, Freud andava bastante preocupado com a situação europeia, embora suas linhas possam servir como um diagnóstico

---

traumático seria aqui justamente o *trabalho psíquico* que é preciso empregar para se enfrentar

cortante para o aqui-agora: a guerra, declara,

(...) destróçou nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou nossos instintos em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido domados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes. Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amáramos e mostrou-nos quão efêmeras eram inúmeras coisas que considerávamos imutáveis (FREUD, 1916/1976, p. 347).

### Resta mais o quê?

Nesse clima de intenso desolamento, não vejo alternativa senão engajarmo-nos em algum manejo criativo frente às dificuldades de metabolização psíquica (AULAGNIER, 1979) engendradas pela suspensão das demandas subjetivas, situação que se aproximaria, por assim dizer, de uma experiência-limite (ZALTZMAN, 1993), ou melhor, de indesejada familiaridade com uma condição de “pura” sobrevivência e, por conseguinte, de relativa abolição da grandeza desejante da vida – estado esse que não é novo na história, diga-se de passagem, embora ele esteja sendo vivido em 2020 nesta escala inequivocamente *microscópica*.

Mas com isso também nos restaria constatar, apesar de tudo, que numa sociedade pandêmica nada é mais

---

o acontecimento (esta última sugestão é de Mirian Debieux Rosa, em comunicação pessoal).

essencial do que a *arte*: “A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição”, alegou Freud (1916/1976), neste texto sobre a transitoriedade, a ponto de contra-argumentar seu próprio pessimismo inicial para concluir com um surpreendente sopro de esperança:

Creio que aqueles que [...] parecem prontos a aceitar uma renúncia permanente porque o que era precioso revelou não ser duradouro, encontram-se simplesmente num estado de luto pelo que se perdeu. O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo<sup>3</sup>

E quando “renunciou a tudo que foi perdido”, ele completa,

Então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre [...] para substituir os objetos perdidos por novos, igualmente ou ainda mais preciosos. É de esperar que isso também seja verdade em relação às perdas causadas pela presente guerra. Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as

riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes (FREUD, 1916/1976, p. 349).

Não deixa de ser curiosa a constatação de que essa mesma humanidade que apoia a guerra também sempre reagiu *esteticamente* frente a situações extremas (tais como a própria guerra), tal como se dera no momento imediatamente posterior às sociedades concentracionárias, por exemplo. Profunda, em certa medida, essa arte parece nascer justamente em razão do desamparo ou como resistência direta contra a morte. Pelo momento, isto é, em função de uma segunda onda que a esta altura vem assaltando o continente europeu, creio que a nós caberia perguntar se podemos ter esse mesmo otimismo “freudiano” de um século atrás.

Veremos.

---

<sup>3</sup> Note-se: é importantíssimo indicar que o ensaio sobre a transitoriedade é *anterior* à *Luto e melancolia*.



Figura 6: Banksy, 2020. Fonte: *Instagram*

### Referências

AULAGNIER, P. **A violência da interpretação:** do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BETTIZA, S. Coronavírus: a dor das famílias proibidas de enterrar seus mortos na Itália. **BBC**. São Paulo, 25 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52025235>. Acesso em 14 de nov. de 2020.

BOLSONARISTAS atacam homenagem aos mortos pelo coronavírus no RJ. **Carta Capital**. Rio de Janeiro, 11 de jun. de 2020. Disponível em: [https://www.cartacapital.com.br/sociedade/bolsonaristas-atacam-homenagem-aos-mortos-pelo-coronavirus-no-rj/?fbclid=IwAR3RIKZxJ8IZVuT6KMxqazQYIU4hnm\\_qy3IxBxyAiiPwKZCuij9QbzRYPGo](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/bolsonaristas-atacam-homenagem-aos-mortos-pelo-coronavirus-no-rj/?fbclid=IwAR3RIKZxJ8IZVuT6KMxqazQYIU4hnm_qy3IxBxyAiiPwKZCuij9QbzRYPGo). Acesso em 14 de nov. de 2020.

ENDO, P. Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil. **Revista Psicologia USP**, v. 27, p. 08-15, 2016.

FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1916). In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. **Luto e Melancolia** (1917). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MELO, K. Cartórios registram aumento de 18,7% nos divórcios durante a pandemia.

**Agência Brasil**. Brasília, 22 de jul. de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-07/cartorios-registram-aumento-de-187-nos-divorcios-durante-pandemia>. Acesso em 14 de nov. de 2020.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível:** estética e política (2000). São Paulo: Ed. 34, 2005.

SILVEIRA, D. Desemprego diante da pandemia bate recorde e atinge mais de 14 milhões de brasileiros, diz IBGE. **G1: Economia**. Rio de Janeiro, 16 de out. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/16/mais-de-41-milhoes-de-brasileiros-ficaram-desempregados-diante-da-pandemia-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 14 de nov. de 2020.

VERZTMAN, J; ROMÃO-DIAS, D. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** [online]. 2020, vol. 23, n. 2, pp.269-290.

VIOLÊNCIA contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. **Isto É**. São Paulo, 01 de jun. de 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/violencia-contr-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40/>. Acessado em 14 de nov. 2020.

ZALTMAN, N. **A pulsão anarquista**. São Paulo: Escuta, 1993.

Recebido em 2020-12-14  
Publicado em 2021-02-01